

26. Fé em Meio às Tempestades: O Que Jesus Realmente Ensinou (Lucas 8:22-39)

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Teologia e Pregações | Data: 03/04/2026 09:11

Uma só história: da tempestade no mar à libertação do Gadareno (Lc. 8:22-39)

O Evangelho de Lucas foi escrito para um homem chamado Teófilo — uma figura que, segundo os estudiosos, provavelmente representava um gentio de boa posição social, interessado em compreender as bases da fé cristã. É para esse Teófilo que Lucas constrói, com cuidado literário e teológico, uma narrativa que muitos costumam dividir em dois episódios distintos: a tempestade acalmada no mar da Galileia e a libertação do endemoniado gadareno. No entanto, uma leitura atenta do texto revela que se trata de **uma única história contínua**, com início, meio e fim bem definidos.

Jesus estava em Cafarnaum, cidade situada às margens do Lago de Genesaré — também chamado de Mar da Galileia ou Mar de Tiberíades. Trata-se de um grande lago, com mais de 20 km em sua parte mais extensa, situado em uma região de baixa altitude e sujeito a variações bruscas de temperatura. Essas condições geográficas tornam o lago propício a tempestades repentinas e violentas, o que explica por que até pescadores experientes — como eram muitos dos discípulos de Jesus — podiam se ver em sério perigo diante de suas águas revoltas.

Foi nesse cenário que Jesus ordenou: **"Vamos para outra margem."** Essa frase simples carrega um peso teológico enorme. Jesus não estava propondo um passeio. Ele tinha um destino, uma missão e um propósito: atravessar o lago e chegar à terra dos gerasenos, do outro lado, onde um homem tomado por uma legião de demônios aguardava — sem saber — pelo único que poderia libertá-lo.

Do ponto de vista geográfico, a travessia de Cafarnaum até Gadara representava algo entre 12 e 15 km a remo. Uma distância considerável, realizada em um barco de pesca, sob condições climáticas imprevisíveis. E foi justamente durante essa travessia que veio a primeira grande tempestade da narrativa.

É fundamental compreender que Lucas não está narrando dois milagres isolados. Ele está apresentando a Teófilo um Jesus que atravessa tempestades com propósito. Quando Jesus entra no barco e diz "vamos para outra margem", Ele já sabe o que encontrará: a tempestade no mar, o endemoniado violento, a rejeição da cidade inteira. Mas parte assim mesmo. E é essa determinação, esse propósito inabalável diante das adversidades, que Lucas quer que Teófilo — e todos nós — compreendamos.

Ler o episódio da tempestade sem a continuação na terra dos gerasenos é como ler a metade de uma frase. O contexto muda completamente o sentido. A travessia não era um fim em si mesma — era o meio pelo qual Jesus chegaria a uma pessoa que precisava ser libertada. E é por isso que a narrativa de Lucas, lida como unidade, fala muito mais do que dois milagres espetaculares. Ela fala de um Cristo que **parte com missão, enfrenta tempestades pelo caminho e chega ao destino que prometeu.**

Perceber isso transforma a maneira como lemos as dificuldades da nossa própria jornada.

O que Jesus realmente quis dizer com "Vocês não têm fé"

Poucos versículos do Novo Testamento têm sido tão mal interpretados — e tão mal aplicados — quanto a pergunta que Jesus faz aos seus discípulos logo após acalmar a tempestade: **"Vocês não**

têm fé?" Durante décadas, essa frase foi usada como base para um tipo de ensino que promete ao crente o poder de dominar as circunstâncias externas da vida pela força da fé declarada em voz alta. A lógica é simples e sedutora: se Jesus acalmou o mar, você também pode acalmar a sua tempestade — basta ter fé suficiente, levantar a mão, abrir a boca e ordenar que o problema se dissolva.

O problema é que **isso não está no texto**.

Em nenhum momento Jesus disse aos discípulos: "Da próxima vez, levantem a mão e acalmem vocês mesmos a tempestade." Não há no texto qualquer instrução para que os seguidores de Cristo repliquem o milagre de domínio sobre os elementos naturais. O que Jesus fez foi um sinal — um sinal que Lucas registra cuidadosamente para Teófilo, dentro de uma sequência de sinais que inclui a cura da sogra de Pedro, a cura de um paraplégico, a cura de um leproso e a ressurreição do filho da viúva de Naim. Cada um desses sinais aponta para a mesma realidade: aquele homem que navegava no barco com os discípulos era mais do que um rabino ou profeta. Era o próprio Senhor sobre os céus e a terra.

A pergunta de Jesus — "Vocês não têm fé?" — não era uma instrução técnica sobre como exercer poder sobrenatural. Era um convite a uma **compreensão mais profunda sobre quem estava com eles no barco**.

"No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo: eu venci o mundo." [\(Jo. 16:33\)](#)

O ânimo que Jesus oferece não é a garantia de ausência de tempestades. É a certeza de Sua presença no meio delas. A fé que os discípulos deveriam ter não era a fé de que seriam poupados da tempestade — era a fé de que **Cristo estava com eles e havia dito que chegariam à outra margem**. Essa é a distinção central que separa uma fé madura de uma fé infantilizada.

A fé infantilizada orbita em torno das circunstâncias externas. Ela mede a presença de Deus pela ausência de problemas. Ela define a vitória espiritual como a dissolução imediata de qualquer dificuldade. Quando as coisas melhoram, ela proclama milagre. Quando as coisas pioram, ela questiona a fidelidade de Deus ou a qualidade da fé do crente. É uma fé que, no fundo, não é fé — é uma negociação com o sagrado, uma tentativa de usar o poder divino como ferramenta de conforto pessoal.

A fé madura, por outro lado, compreende o que o apóstolo João escreveu com clareza:

"Sabemos que somos de Deus, e que o mundo inteiro jaz no maligno." [\(1Jo. 5:19\)](#)

O mundo *jaz* no maligno. A palavra usada no original carrega a ideia de estar deitado, sepultado, imerso. O mundo, em sua condição presente, é um lugar de dor, injustiça, deterioração e morte. Não porque Deus seja ausente, mas porque o pecado entrou no mundo e produziu consequências reais e duradouras. Desde a queda no Éden, a maldição sobre a criação é parte da realidade humana — e o próprio Jesus, em seu ministério, não prometeu remover essa realidade, mas **estar presente dentro dela**.

Isso tem implicações diretas para a maneira como entendemos a missão cristã. A nossa vida, segundo o texto, não é ditada pelo tipo de tempestade que está do lado de fora, mas pela certeza de estarmos dentro da missão de Deus. Uma pessoa que vive dentro do propósito de Cristo não é necessariamente aquela que não enfrenta adversidades — é aquela que, mesmo no meio das adversidades, sabe que não está sozinha e que há uma margem a alcançar.

É por isso que o modelo de fé que promete que "tudo vai dar certo" é não apenas teologicamente impreciso — ele é **pastoralmente danoso**. Ele prepara o crente para a desilusão. Quando a tempestade não passa, quando o diagnóstico não muda, quando o relacionamento não é restaurado, quando o emprego não retorna, o crente que foi alimentado por esse tipo de ensino se vê diante de duas opções igualmente destrutivas: ou questiona sua própria fé ("se eu tivesse fé suficiente, teria funcionado") ou questiona a existência de Deus. Em ambos os casos, a raiz do problema não está na ausência de fé — está na **distorção do que a fé realmente significa**.

A fé bíblica não é um mecanismo de controle sobre as circunstâncias externas. É a confiança inabalável em um Deus que disse "eu estarei com você" — e que cumpre essa promessa, seja no momento em que o vento cessa, seja no momento em que o vento continua soprando. Os discípulos no barco não precisavam de poder para acalmar o mar. Precisavam da fé de que **aquele que dormia na popa era Senhor do mar**.

E essa fé — simples, profunda e transformadora — é o que Jesus chama de volta quando pergunta: "*Vocês não têm fé?*"

A vida como tempestade: recusando a fé infantilizada

Há uma verdade incômoda que o texto de Lucas 8 coloca diante de nós com uma honestidade quase brutal: **a vida é uma tempestade**. Não uma tempestade passageira que antecede uma estação de bonança permanente, mas uma condição inerente à existência humana neste mundo — uma realidade que persiste até o dia em que cada um de nós enfrenta o último inimigo, que o apóstolo Paulo chama de morte.

"O último inimigo a ser destruído é a morte." ([1Co. 15:26](#))

Aceitar essa verdade é o primeiro passo para uma fé adulta. E é exatamente esse passo que boa parte do ensino cristão contemporâneo dificulta — ou mesmo impede — ao oferecer uma versão da fé que funciona como escudo contra a adversidade, como se o crente devidamente sintonizado com Deus pudesse navegar pela vida em águas sempre tranquilas.

Esse modelo de fé não é novo. Ele se apoia em uma leitura seletiva das Escrituras, que privilegia os relatos de milagres e libertações imediatas em detrimento de tudo aquilo que a Bíblia diz sobre sofrimento, perseverança, luto e esperança escatológica. Ele extrai versículos do contexto e os transforma em fórmulas — palavras a serem repetidas, gestos a serem feitos, quantias a serem semeadas — como se a relação com Deus fosse uma equação cujo resultado pudesse ser controlado pelo lado humano da balança.

O problema não é apenas teológico. É profundamente humano. **Quando uma pessoa é ensinada durante anos que a fé correta produz resultados tangíveis e imediatos, ela inevitavelmente constrói sua espiritualidade sobre uma base frágil**. No primeiro grande encontro com uma tempestade que não passa — uma doença crônica, a perda de um filho, um casamento desfeito, uma crise financeira que se arrasta por anos — essa base não sustenta o peso da realidade. E o crente, ao invés de encontrar em Cristo o porto seguro que precisava, encontra uma teologia que o condena: *você não teve fé suficiente*.

Essa condenação é uma das formas mais cruéis de violência espiritual que existe. Ela acrescenta culpa ao sofrimento. Ela isola o crente no momento em que mais precisaria de comunidade. E ela distorce a imagem de Deus, transformando-o em um agente que recompensa os espiritualmente bem-sucedidos e abandona os que tropeçam.

A Bíblia conta uma história completamente diferente.

Deus disse a Adão e Eva, após a queda, que a terra seria maldita por causa do homem — que ela produziria cardos e abrochos, que o trabalho seria penoso, que a dor seria parte da existência. Não como punição exclusiva para aquele casal, mas como descrição da condição humana neste mundo decaído. O próprio Jesus, ao preparar seus discípulos para o que estava por vir, não prometeu proteção contra as tempestades — prometeu Sua presença dentro delas:

"No mundo tereis aflições; mas tende bom ânimo: eu venci o mundo." ([Jo. 16:33](#))

O ânimo cristão não nasce da ausência de problemas. Nasce da consciência de que Cristo venceu e de que a vitória final já está garantida — mesmo que o caminho até lá passe por vales sombrios. É um ânimo que não depende das circunstâncias externas, mas da realidade interna de saber que se está dentro da missão de Deus, no barco certo, com o Comandante certo.

Isso tem consequências práticas para a maneira como vivemos a nossa fé no cotidiano. **O crente que compreende que a vida é uma tempestade não é paralisado pela adversidade** — ele é moldado por ela. Ele não busca uma espiritualidade que o retire do mundo, mas uma fé que o capacite a permanecer fiel dentro do mundo. Ele não mede a presença de Deus pelo conforto que sente, mas pela convicção de que Deus é fiel independentemente do que ele sente.

Há também uma dimensão comunitária nessa compreensão. A fé que enfrenta tempestades com maturidade não é uma fé solitária e heroica. É uma fé que se exercita dentro do corpo de Cristo — que chora com os que choram, que carrega os fardos uns dos outros, que não abandona o irmão quando a sua tempestade parece durar tempo demais. Uma comunidade cristã madura não é aquela que proclama vitória a todo momento, mas aquela que permanece junta no meio do inverno — sem respostas fáceis, mas sem abandonar a esperança.

Recusar a fé infantilizada não é recusar os milagres. Deus opera milagres — o texto de Lucas é explícito sobre isso. É recusar a ideia de que os milagres são o critério pelo qual se mede a fidelidade de Deus ou a qualidade da nossa fé. É reconhecer que há tempestades que Deus acalma imediatamente, e há tempestades que Ele nos chama a atravessar com Ele — e que em ambos os casos, **Sua presença é a mesma e Seu amor é igualmente real.**

A maturidade espiritual começa quando paramos de perguntar "**por que essa tempestade?**" e **começamos a perguntar "como permaneço fiel dentro dela?"** Não porque as perguntas difíceis sejam proibidas — Jesus mesmo as fez na cruz — mas porque a resposta que transforma a vida não está na explicação da tempestade, e sim na comunhão com Aquele que está no barco conosco.

A terceira e a quarta tempestade: o endemoniado e a manada de porcos

Quando o barco finalmente atraca na margem oposta, a narrativa de Lucas não desacelera. Pelo contrário — ela intensifica. Jesus acabara de acalmar uma tempestade no mar. Agora, em terra firme, Ele se depara com uma tempestade de natureza completamente diferente: um homem tomado por uma legião de demônios, que vivia nu entre os túmulos, despedaçava correntes e grilhões com as próprias mãos e aterrorizava toda a região ao redor.

Lucas é preciso na descrição. O homem **há muito não se vestia, não habitava em casa alguma e vivia nos túmulos**. Ele havia sido reduzido a uma existência subumana — sem identidade, sem lar, sem dignidade. A cidade já havia tentado de tudo: correntes, grilhões, vigilância. Nada funcionava. O homem despedaçava tudo e era impelido pelo demônio para o deserto. Era uma situação sem saída humana.

É importante notar o nome que os demônios revelam quando Jesus os interpela: **Legião**. No

contexto militar romano da época, uma legião correspondia a um destacamento de soldados que podia variar entre 6.000 e 6.826 homens, incluindo cavalaria. Quando os espíritos se identificam como Legião, estão comunicando uma realidade assombrosa: aquele homem abrigava dentro de si uma multidão de forças destrutivas — uma tempestade interior de proporções inimagináveis.

E foi exatamente essa tempestade que Jesus veio atravessar o lago para enfrentar.

"O que você quer comigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Peça-lhe que não me atormente." ([Lc. 8:28](#))

A cena é teologicamente densa. Os demônios reconhecem Jesus antes que qualquer ser humano na narrativa o reconheça plenamente. Eles sabem quem Ele é, sabem qual é a Sua autoridade e sabem que diante d'Ele não têm defesa. A pergunta que fazem — "o que você quer comigo?" — é, na verdade, uma rendição disfarçada de interrogação. Eles não têm poder de resistir. Só têm poder de negociar o modo de saída.

E aqui surge a **quarta tempestade** da narrativa: a manada de porcos.

Os demônios pedem a Jesus permissão para entrar nos porcos que pastavam ali perto. Jesus o permite. A manada inteira — cerca de dois mil animais, segundo o evangelho de Marcos — precipita-se pelo despenhadeiro e se afoga no lago. Os porquinhos fogem aterrorizados e vão anunciar o ocorrido na cidade e nos campos.

Esse episódio tem gerado perguntas ao longo dos séculos. Por que Jesus permitiu que os demônios entrassem nos porcos? Por que a manada foi destruída? A Bíblia não oferece uma resposta explícita, e qualquer interpretação que vá além do texto é especulação. O que o texto deixa claro é o resultado: **o homem foi libertado**. Completamente. Quando a população da cidade chega ao local, encontra aquele que havia sido o terror da região — **vestido, em perfeito juízo, assentado aos pés de Jesus**.

Essa imagem merece contemplação. Um homem que vivia nu entre os mortos, acorrentado e violento, agora está vestido, sereno e sentado aos pés do Mestre. É uma das imagens mais poderosas de restauração da dignidade humana em todo o Novo Testamento. Lucas, escrevendo para Teófilo, está dizendo algo que vai muito além do espetacular: **Jesus não veio apenas acalmar mares — veio restaurar pessoas**.

E aqui Lucas introduz uma reflexão que desafia profundamente as prioridades da fé cristã em qualquer época. **É muito mais fácil se impressionar com a tempestade acalmada no mar** — com o vento que cessa, com as ondas que se aquietam, com o espetáculo natural da natureza obedecendo a uma voz humana — **do que com a restauração de um ser humano**. O milagre sobre as águas é visível, dramático, imediato. O milagre sobre aquele homem é íntimo, silencioso, profundo.

No entanto, do ponto de vista do Evangelho, **libertar um homem significa povoar o céu**. Restaurar uma vida humana à sua dignidade original, arrancá-la das garras da destruição e devolvê-la à comunidade dos vivos — isso é o coração da missão de Cristo. E esse coração não pulsa com a mesma intensidade em uma fé que orbita em torno de sinais externos, de espetáculos sobrenaturais, de experiências que possam ser narradas com entusiasmo nas redes sociais.

Há uma autocrítica necessária aqui. **Com muita frequência, a espiritualidade cristã se preocupa mais com os sinais que acontecem com as águas e os ventos do que com a transformação de seres humanos**. Queremos os milagres que impressionam, que convencem, que silenciam os céticos. Mas Jesus, nessa narrativa, atravessou o lago inteiro — enfrentou a tempestade, os demônios, a rejeição que viria a seguir — **por causa de um homem**. Um homem sem nome, sem lar, sem família aparente, sem valor social, sem qualquer poder ou influência.

Isso nos diz algo essencial sobre o caráter de Deus e sobre o que Ele considera importante.

A quarta tempestade — a da manada de porcos — não é apenas um detalhe narrativo curioso. Ela é o custo visível da libertação de um homem. E Jesus o pagou sem hesitar. **O Evangelho sempre cobra um preço de quem se compromete com ele. O preço pode ser econômico, como foi para os donos dos porcos. Pode ser social, como será para o homem liberto, que precisará reaprender a viver entre as pessoas. Pode ser emocional, como foi para os discípulos que atravessaram a tempestade no mar com o coração na garganta.**

Mas o Evangelho **nunca cobra um preço maior do que o que Cristo já pagou por nós.**

A quinta tempestade: a cidade que expulsou Jesus

Há um momento na narrativa de Lucas 8 que costuma passar despercebido diante do brilho dos milagres que o antecedem. Após a libertação do endemoniado, após a cena comovente do homem vestido e em perfeito juízo assentado aos pés de Jesus, após o testemunho dos porqueiros que correram pela cidade anunciando o que havia acontecido — a população inteira da região dos gerasenos se reúne diante de Jesus e lhe faz um pedido:

"Que se retirasse deles, pois ficaram com muito medo." [\(Lc. 8:37\)](#)

Essa é, talvez, a tempestade mais perturbadora de toda a narrativa. Não porque seja a mais violenta — a tempestade no mar e a legião de demônios eram objetivamente mais aterrorizantes. Mas porque é a única tempestade que **Jesus não consegue acalmar**. Não por falta de poder, mas porque ela nasce de um lugar que o poder não alcança sem consentimento: a vontade humana que conscientemente rejeita a Cristo.

A cidade viu o milagre. Isso é fundamental. Eles não estavam rejeitando algo que não conheciam. Os porqueiros foram até a cidade e contaram tudo — o que havia acontecido com a manada, e como o endemoniado havia sido salvo. A população saiu para ver com os próprios olhos. Encontraram o homem liberto, vestido, em perfeito juízo. E mesmo assim, pediram a Jesus que fosse embora.

O texto diz que "ficaram com muito medo". Esse medo, porém, não é o medo reverente que leva à adoração — **é o medo perturbador de quem percebe que a presença de Cristo exige uma mudança que não está disposto a fazer**. Jesus havia chegado à sua cidade, libertado o homem mais aterrorizado da região, e o custo visível havia sido a perda de uma manada inteira de porcos. Para uma comunidade cujo sustento dependia daquele rebanho, a equação era simples e brutal: **a presença de Jesus era economicamente inconveniente**.

E é aqui que a narrativa toca em algo profundamente atual.

Era muito mais cômodo ter aquele homem pelado e amarrado, gritando entre os túmulos de vez em quando, do que lidar com as consequências da sua libertação. A cidade havia aprendido a conviver com o problema — havia desenvolvido estratégias de contenção, havia estabelecido uma rotina ao redor daquela tragédia. A presença de Jesus não apenas resolveu o problema; ela **reorganizou a ordem estabelecida**. E essa reorganização tinha um custo que a cidade não estava disposta a pagar.

Esse padrão se repete ao longo da história com uma regularidade desconcertante. O Evangelho genuíno sempre perturba as estruturas de acomodação. Ele não vem apenas oferecer conforto espiritual privado — vem confrontar os arranjos pelos quais as sociedades aprenderam a conviver com o sofrimento alheio sem se responsabilizar por ele. E quando esse confronto acontece, a reação mais comum não é a gratidão — é o pedido para que Jesus vá embora.

É muito mais fácil excluir aquilo que incomoda do que reorganizar a própria vida para acolhê-lo. É muito mais simples manter o status quo do que celebrar a liberdade de alguém quando essa liberdade nos custa algo. É **muito mais confortável afastar o problema** — trancá-lo com correntes, relegá-lo ao deserto, mantê-lo longe da vista — do que enfrentar o que a sua existência revela sobre nós mesmos.

A quinta tempestade, portanto, não é uma tempestade de vento e ondas. Não é uma tempestade de demônios e violência. É a tempestade silenciosa e devastadora da **recusa consciente**. É a tempestade daqueles que veem o milagre, reconhecem o poder, compreendem o que está diante deles — e ainda assim dizem não.

E essa, segundo a narrativa, é a tempestade que Jesus não acalma à força. Ele simplesmente entra de volta no barco e vai embora. Não há repreensão dramática, não há juízo imediato, não há tentativa de convencer a multidão com mais sinais. Há apenas a partida silenciosa de quem respeita profundamente a liberdade humana — mesmo quando essa liberdade é usada para recusar o bem maior.

Isso levanta uma reflexão incômoda sobre a natureza do pior tipo de possessão espiritual. Muito se fala e muito se teme o endemoniado que espuma, que range os dentes, que despedaça correntes. Ele é visível, dramático, fácil de identificar como problema. Mas há uma outra forma de escravidão — mais silenciosa, mais socialmente aceitável, infinitamente mais perigosa — que é a do coração cauterizado contra Cristo. A do homem bem-vestido, articulado, influente, que toma decisões que afetam multidões, mas que jamais permitiu que o Evangelho reorganizasse as suas prioridades.

O pior demônio, nessa perspectiva, não é aquele que grita nos túmulos. É aquele que fala bonito, sorri para as câmeras e governa com maldade, falta de ética e ausência total de compaixão — e que nós, muitas vezes, abraçamos como salvador porque ele representa o lado do qual nos convenciamos a fazer parte.

A cidade dos gerasenos pediu a Jesus que fosse embora. E Jesus foi. Mas deixou para trás um testemunho: o homem liberto, que havia pedido para acompanhá-Lo, recebeu uma missão diferente.

"Volte para sua casa e conte tudo o que Deus fez por você." ([Lc. 8:39](#))

Ele não foi levado para longe. Foi enviado de volta — para dentro da mesma cidade que havia rejeitado Jesus. E foi proclamando por toda a cidade o que Jesus lhe havia feito. A rejeição da comunidade não extinguiu o testemunho. Pelo contrário: o transformou em missão.

Essa é a resposta do Evangelho à quinta tempestade. **Quando uma cidade rejeita Cristo, Ele não a abandona sem deixar rastro. Ele deixa ali, no meio dela, alguém que foi transformado — e que, pela simples existência da sua vida restaurada, continua sendo um sinal vivo de que o Reino passou por ali.**

A sexta tempestade: nem todas as tempestades passam

Existe uma honestidade pastoral que é rara e, por isso mesmo, preciosa. É a honestidade de olhar para alguém que está sofrendo e não oferecer uma promessa vazia. É a honestidade de sentar ao lado de quem chora e não dizer que tudo vai passar logo — quando não se sabe se vai. É a honestidade de **pregar um Evangelho que não precisa de embelezamentos para ser verdadeiro, porque a sua verdade já é suficientemente poderosa para sustentar qualquer vida**, em qualquer circunstância.

E essa honestidade começa com uma afirmação que muitos púlpitos evitam com cuidado: **nem todas as tempestades passam.**

Não nesta vida. Não no tempo que esperamos. Não da forma que pedimos.

Há pessoas que carregam dores crônicas que não têm cura médica conhecida. Há lutos que não se dissolvem com o passar dos meses — que continuam ali, presentes e pesados, anos depois da perda. Há relacionamentos que não foram restaurados apesar de muita oração e esforço. Há situações de injustiça que persistem, que se arrastam, que resistem a toda intervenção humana e espiritual. E há crentes fiéis, honestos, comprometidos com Cristo — que atravessam tudo isso sem ver a bonança que lhes prometeram.

O apóstolo Paulo, que experimentou mais tempestades do que a maioria de nós jamais conhecerá, não escreveu sobre a vida cristã como uma sequência de libertações imediatas. Ele escreveu sobre perseverança, sobre **aprender a estar contente em qualquer situação**, sobre o processo lento e doloroso de ser conformado à imagem de Cristo através do sofrimento. A palavra que ele usa em Romanos 5 é *hypomone* — uma resistência ativa, uma permanência firme sob pressão, que não é passividade resignada, mas fidelidade sustentada no meio da adversidade.

"Não só isso, mas também nos gloriamos nas tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; a perseverança, um caráter aprovado; e o caráter aprovado, esperança." ([Rm. 5:3-4](#))

Paulo não diz que as tribulações serão removidas. Diz que elas *produzem* algo — que há um processo em curso dentro delas, um trabalho que Deus realiza precisamente através da dificuldade, não apesar dela. Essa é uma teologia radicalmente diferente da que promete que a fé correta elimina o sofrimento. É uma teologia que afirma que **o sofrimento, quando atravessado dentro da comunhão com Cristo, tem poder formador.**

Isso não significa que devemos romantizar a dor. Não significa que o sofrimento seja bom em si mesmo, ou que devamos buscá-lo como prova de espiritualidade. Significa que, quando ele chega — e ele chega, porque o mundo jaz no maligno — ele não precisa ser o fim da fé. Pode ser, paradoxalmente, o lugar onde a fé se aprofunda de formas que a bonança nunca permitiria.

A sexta tempestade desta narrativa é exatamente essa: a tempestade que não passou. A que ficou. A que ainda dói quando se toca. E Lucas, ao construir sua narrativa para Teófilo, não esconde essa realidade. Ele apresenta um Jesus que acalma o mar, que liberta o endemoniado, que restaura o irrestaurável — e que, ainda assim, é rejeitado por uma cidade inteira e parte de volta sem que aquela tempestade tenha se dissipado.

O Evangelho não é a história de um mundo que melhorou progressivamente até a perfeição. É a história de um Rei que entrou num mundo em ruínas, proclamou o Seu reino, demonstrou o Seu poder, morreu e ressuscitou — e que voltará para fazer todas as coisas novas. Enquanto esse dia não chega, vivemos na tensão entre o "já" e o "ainda não". Já somos filhos de Deus — ainda não experimentamos a plenitude do que isso significa. Já Cristo venceu — ainda não todas as consequências da derrota do mal são visíveis na nossa experiência cotidiana.

É dentro dessa tensão que a fé madura aprende a respirar.

O livro do Apocalipse, frequentemente reduzido a um mapa de eventos futuros, é fundamentalmente uma carta de encorajamento para comunidades que estavam sofrendo. Sua mensagem central não é "tudo vai ficar bem em breve" — é **"o Cordeiro já venceu, e vocês estão do lado do vencedor"**. Essa certeza não remove a tribulação presente, mas oferece um horizonte que transforma a maneira como se suporta o que é insuportável.

Há também uma palavra necessária sobre os sinais dos tempos. A Bíblia não descreve o fim da história como um período de crescente prosperidade e paz universal antes da volta de Cristo.

Descreve, ao contrário, um tempo de aumento da maldade, do esfriamento do amor, da arrogância humana, da inimizade contra Deus. Nação contra nação, reino contra reino. Homens amantes dos prazeres mais do que de Deus, avarentos, desonestos, inimigos do bem. Não é um quadro animador — mas é um quadro honesto. E a honestidade é o que nos prepara para permanecer fiéis quando a realidade confirma o que a Palavra já havia anunciado.

Para quem vai ao céu, disse certa vez o teólogo Ariovaldo Ramos, este mundo é o mais próximo do inferno que irá conhecer. Para quem vai ao inferno, este mundo é o pedaço mais próximo do céu que irá conhecer. É uma frase dura. Mas é uma frase que coloca a experiência humana em seu lugar correto dentro da narrativa maior — e que oferece, a quem crê, uma perspectiva que transforma o modo de suportar o presente.

Nem todas as tempestades passam nesta vida. Mas todas elas têm um limite — o dia em que enfrentaremos o último inimigo, e ele será vencido pela ressurreição. Até lá, a promessa não é a ausência de tempestades. É a presença d'Aquele que está no barco conosco — que conhece cada onda, que não dorme por distração mas por confiança, e que sabe, desde antes de partir, qual é a margem que alcançaremos.

E essa certeza, por si só, é suficiente para continuar remando.

A sétima e a oitava tempestade: a pandemia, a rejeição e o chamado ao sacrifício

Há momentos na história em que uma geração inteira é forçada a confrontar, de maneira coletiva e simultânea, a fragilidade da existência humana. A pandemia que varreu o mundo foi um desses momentos. De repente, todas as estruturas de segurança nas quais as sociedades modernas haviam aprendido a confiar — a medicina, a economia, a mobilidade, a rotina — foram abaladas de uma só vez. E dentro das igrejas, essa experiência produziu uma crise que vai muito além do calendário de cultos suspensos ou das transmissões ao vivo improvisadas. Produziu uma **crise de fé**.

Não foi uma crise pequena. Foi a crise do crente que havia sido ensinado que a fé correta produz resultados tangíveis — e que se viu, de repente, sem respostas para as perguntas mais básicas. Quando vai acabar? Por que Deus permitiu? O que devo pregar agora? O que digo para quem perdeu o emprego, para quem perdeu o pai, para quem está sozinho e com medo?

E junto com as perguntas genuínas, veio também o ruído. Vieram as profecias de que a pandemia acabaria em tal data. Vieram as interpretações numerológicas que misturavam versículos com estatísticas epidemiológicas. Vieram as repreensões coletivas ao vírus, as declarações de que quem tivesse fé suficiente não seria infectado, as acusações veladas — e às vezes explícitas — de que quem adoeceu é porque não tinha fé. Veio de tudo. E no fim das contas, foi como tinha que ser: um ano e meio, e depois mais tempo, com distanciamento, vacinas, perdas, luto e a necessidade dolorosa de aprender a ter prudência como parte da fidelidade a Deus e ao próximo.

A sétima tempestade, nesse contexto, é a tempestade da **desorientação espiritual coletiva** — o momento em que uma geração de crentes percebe que as ferramentas teológicas que lhes foram dadas não eram adequadas para o peso da realidade. Não havia fórmula que funcionasse. Não havia profecia que se cumprisse no prazo anunciado. Não havia repreensão que dissolvesse o vírus. E os que haviam construído sua fé sobre esses recursos se viram, de repente, com as mãos vazias.

Mas havia algo que permanecia. Havia aqueles que, no meio de toda a incerteza, continuavam ali — não porque tivessem respostas, mas porque tinham Cristo. Que choraram, duvidaram, sentiram medo, não souberam o que pregar num domingo e mesmo assim voltaram à Palavra. Que aconselharam pessoas sem ter certeza do que dizer, mas ficaram presentes. Que não prometeram o que não podiam cumprir, mas não abandonaram quem estava sofrendo.

"A verdade é que Cristo está conosco — e ganhamos, perdemos, sorrimos e choramos. Mas aqui estamos."

Esse é o testemunho mais honesto que uma comunidade cristã pode oferecer no meio de uma grande tempestade. Não a certeza de que tudo dará certo segundo os nossos planos. Mas a certeza de que não estamos sozinhos — e que a presença de Cristo no barco não depende da bonança do mar.

E é justamente aqui que emerge a **oitava tempestade** — talvez a mais exigente de todas: o chamado ao sacrifício.

Jesus, ao libertar o endemoniado gadareno, não apenas devolveu um homem à sua dignidade. Ele perturbou uma cidade inteira. Custou uma manada de porcos. Gerou medo, resistência e rejeição. E quando a população pediu que Ele fosse embora, Ele foi — sem amargura, sem retaliação, mas também sem recuar da missão. O Evangelho, quando genuíno, sempre tem um custo. E esse custo raramente é apenas espiritual e intangível. Ele é concreto, social, econômico, relacional.

O chamado ao sacrifício que a oitava tempestade representa não tem contorno ideológico. Não pertence a nenhum partido, a nenhuma bandeira, a nenhuma agenda política. Pertence ao Evangelho. E o Evangelho diz coisas muito específicas sobre como os seguidores de Cristo devem se relacionar com o sofrimento alheio:

"Reparti o vosso pão com o faminto." (Is. 58:7)

"Carregai os fardos uns dos outros." (Gl. 6:2)

"Amai-vos uns aos outros como eu vos amei." (Jo. 13:34)

Não são metáforas. São instruções. São o desenho concreto de uma comunidade que levou a sério o fato de que Jesus atravessou um lago inteiro, enfrentou uma tempestade, expulsou uma legião de demônios e perturbou a economia local — **por causa de um homem**. Se esse é o padrão do Mestre, o padrão dos discípulos não pode ser menor.

E aqui está o desafio mais difícil. É muito mais fácil excluir aquilo que nos incomoda do que reorganizar a nossa vida para acolhê-lo. É muito mais conveniente manter as 1.200 famílias à distância do que encontrar maneira de alimentá-las. É muito mais confortável nos alegrarmos apenas com as nossas próprias vitórias do que nos alegrarmos com a liberdade de alguém — especialmente quando essa liberdade nos custa algo.

Mas Jesus nos chamou para um caminho de doação, de amor e de compaixão. Não um caminho de heroísmo performático — de grandes gestos que impressionam mas não custam nada. Um caminho de fidelidade cotidiana, de presença constante, de generosidade silenciosa que não espera reconhecimento. Um caminho onde a alegria pela liberdade do outro é genuína — mesmo quando essa liberdade reorganiza a nossa rotina, perturba os nossos planos e nos coloca diante de perguntas para as quais não temos respostas prontas.

A pandemia revelou, com uma clareza brutal, onde cada comunidade cristã havia investido a sua energia espiritual. Revelou quais igrejas tinham uma teologia capaz de sustentar o peso da realidade

— e quais haviam construído uma espiritualidade que funcionava apenas enquanto o sol estava brilhando. Revelou quais líderes eram capazes de dizer "eu não sei" sem perder a autoridade pastoral — e quais precisavam de certezas fabricadas para manter a sua influência.

E revelou também algo belo: que havia, espalhados pelo mundo, homens e mulheres que simplesmente ficaram. Que permaneceram fiéis sem espetáculo. Que continuaram remando mesmo sem ver a outra margem. Que amaram o próximo de forma concreta, mesmo quando isso tinha um custo real. Que não abandonaram a fé quando ela não produziu os resultados prometidos — porque a sua fé nunca havia sido construída sobre resultados, mas sobre uma Pessoa.

Essa é a fé que atravessa a sétima e a oitava tempestade. Não a fé dos que profetizam bonança enquanto o barco afunda. Mas a fé dos que, com o barco ainda balançando, olham para Cristo e dizem: **estou aqui, e quero ir para onde Tu fores.**

Documento gerado em 21/05/2026 00:33:27 via BeHOLD

BeHOLD